

# TIRO E SPORT

ANNO X

Revista de Educação Physica e Actualidades  
(Continuação de O Tiro Civil e da Revista de Sport)

N.º 289

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

Redactor Secretario : Eduardo de Noronha — Redactor gerente: Seppa Cardoso

EDITOR RESPONSÁVEL — *Candido Chaves*  
Typographia — Rua de S. Paulo, 216

31 de Agosto de 1904

Redacção e administração  
C. de S. Francisco, 6, 2.º — LISBOA



Depois de uma caçada ás raposas nas serras da Carregueira e do Broco. — Almoço oferecido pelo sr. Guilherme Ferreira Pinto Basto na quinta da Fontecreira, em Bellas. Cliché Vidal da Fonseca

## A abertura da caça

**H**A tarefas difficeis e distribuiram-me uma das peores os meus, aliaz, excellentes collegas de redacção, disparando-me á queima-roupa, no momento em que menos o esperava, o seguinte pedido:

—Querés livrar os teus bons amigos d'um grande entalão, tu que, em tempos, tiveste manhas de caçador?

Com a maior sinceridade d'este mundo e ainda com maior ingenuidade respondi-lhes:

—Bem sabem que estou sempre prompto para tudo quanto mandarem e, tratando-se de entalão...

Mal sabia o que me esperava; mas não tem duvida que, se a vingança é o prazer dos deuses, é e será sempre o prazer tambem d'um simples mortal, que se deixou cair n'uma esparrella como a mais innocente das avesinhas.

—Pois, meu caro collega, tornou logo um dos mais desembaraçados, resolvemos dar um numero especial commemorando a abertura da caça em 1904 e, como não nos foi possivel obter o artigo com que contavamos d'um dos mais exímios e illustres dos nossos caçadores, encarregamos-te de rabiscar meia duzia de palavras sobre o assumpto...

—Mas...

—Não ha mas nenhum; tem paciencia, os amigos são para as occasiões. E quem querias tu que escrevesse o artigo de abertura? Ha porventura entre nós alguém capaz de atirar ás perdizes, com probabilidades de as matar, não sendo tu?

—Mas eu não caço ha mais de 20 annos.

—Já te dissemos que não admittimos o mas. Escreve, escreve, estás a perder um tempo precioso. Trata-se apenas d'uma columna de prosa. Isso fazes tu com uma perna ás costas.

Não respondi nada. Senti um nó na garganta, parecia-me que tinha engulido um marmello cosido. Estava perdido.

E foi tão grande a impressão que n'um momento estava coberto de suores frios e pallido como o cadaver d'um desgraçado que succumbisse á mais profunda anemia.

—O que tens tu? exclamaram.

—Queres uma pinga d'agua com flor de laranjeira?

—Um vidrinho de saes, tragam depressa!

E rodeavam me sollicitos, commovidos, talvez arrependidos já da traição de que me haviam feito victima.

Cobrei animo, voltou-me a côr ás faces e respondi serenamente:

—Não se assustem, já passou. Vou escrever o artigo de abertura; imponho apenas uma condição...

—Aceitamos.

—Decerto que aceitam, pois é condição *sine qua non*. Vou escrever o artigo, mas só hão de le-lo depois de impresso a valer; nem provas de granel, nem provas de pagina, nem de machina. Querem?

Hesitaram um momento, desconfiados, mas emfim conhecem-me e estenderam-me as mãos exclamando:

—Está combinado!

Sorri satisfeito, o meu plano estava traçado, a vingança não se faria esperar e consistiria em contar aos nossos leitores a traição dos collegas que foi, na verdade, infernal.

Agora estou vingado e antegoso o prazer que vou sentir quando chegar á redacção o primeiro masso de exemplares. Para partida, partida e meia.

Queriam uma abertura de effeito, cheia de phrases bombasticas, crivada de adjectivos pomposos da primeira á ultima linha, em que eu dissesse que sim e mais que tambem; não fallem a mais ninguem que estão servidos, esses amigos que não hesitaram em sacrificar o mais generoso, o mais puro, o mais conspicuo dos collegas.

E, afinal de contas, a redacção do *Tiro e Sport* não podia deixar de prestar esta homenagem aos nossos caçadores; merecem realmente o tributo da nossa admiração, deviamos-lhe um numero especial, era de justiça acompa-

nha-los no momento em que lhes vae ser permittido fazer o gostinho ao dedo e, correr montes e valles, atraz d'essas perdizes que de anno para anno vão rareando em assustadora progressão.

Que Deus e Santo Humberto os livre de *grades* e vivam os caçadores!

JOÃO PACIFICO

## UMA CARTA

Caldas da Rainha, 24 d'Agosto de 1904

Meu Caro Sr. Noronha; honra-se a minha prosa com o seu convite, como deve julgar, mas *un dolor de tripas* como já dizia Cervantes pela bocca do seu D. Quixote, e aqui repetem os hespanhoes n'esta abundante terra de fructos, seria o menos que me esperaria se me aventuras-se ao emprazado artigo para o seu jornal a que V. dezeja eu me comprometta pela volta do correio. Não pode ser.

Não me anda alheio o espirito a caçadas e aviva-o até a troca de narrativas sobre essa arte de matar, dia a dia e a cada momento, com os caçadores do sitio e de passagem, como o padre Antonio, Jorge Lima, José Amado, Cymbron e outros, mas uma cousa seria molhar a penna na phantasia para n'um descuidado deslizar de palavras trazer a escripta á obediencia na descripção de quaesquer meias petas tão nossas, de nós caçadores, e outra seria esperar que esse marcado praso e sentimento, tão precisado de espontaneidade para ser sincero, me inspirasse para eu fallar, como V. me pede, de Bulhão Pato. Nem me seria facil n'este cuidar da saude desanuviel-o de recordações saudosas do passado que o fariam velho e o entristeciriam a elle e a mim tambem, quando a abertura da caça (objectivo ou pretexto ainda da escripta que V. me pede), só deve ser motivo para alegrias. São estas epochas para os velhos e novos caçadores, como os nataes. Devem resurgir em cada anno cheios de esperanza, alegres e não como recordações tristonhas a que se inclinam aquelles para os quaes o tempo mais rapido foge no declinar da vida.

Fique pois essa alma de ouro sem o conforto que eu lhe quereria dar e V. sem o artigo para o seu jornal.

Mas se esta desculpa lhe serve para mais do que perdão seu para commigo, emende-a em qualquer erro de grammatica que tenha escapado e publique-a. E agradecido sempre será o de V., etc.

E. MONTUFAR BARREIROS.

## Bulhão Pato

De certas organizações poeticas, espiritos singularmente dotados pela natureza, podemos dizer que o decorrer do tempo, os baldões da vida, os assaltos da má fortuna, a inconstancia da sorte, todo este mar revolto do mundo, o affrontam elles com o olhar sereno e o animo impavido. N'esta tortuosa navegação, com a experiencia de tantos naufragios — os proprios e os alheios — elles são como esses grandes navegadores que, a despeito dos ventos, dos mares e dos homens, ainda peiores inimigos, não desconfiam da sua estrella, e conseguem chegar ao porto do seu destino!

São estes os poetas de raça, os verdadeiros poetas; para estes não ha annos de prosa. Cantam na mocidade, na primavera da vida; cantam no estio; o outomno illumina-os, doira-os com os tons melancolicos da saudade, e o inverno da vida dá-lhes uma serenidade alta, a tranquillidade das altas regiões espirituas, em que a alma, sempre viva e lucida, na sua constante evolução, alheada das paixões terrenas, vê o espectáculo do mundo, contempla-o, mas, como a chrysalida, vae-se transformando, para se abrir em novos mundos!

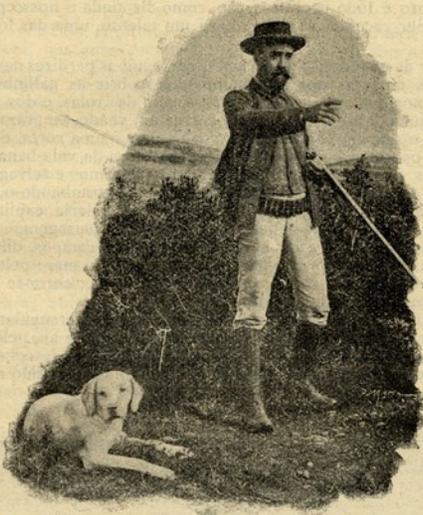
A esta privilegiada familia, a esta *aristocracia* intellectual, pertence Bulhão Pato. Todos o conhecem, todos o sabem; não é isto novidade que precise de demonstração.

N'este logar não falaremos especialmente do grande escriptor, das suas altas e finas qualidades de prosador e de poeta. Aqui as letras não são de certo nem extranhas, nem malvindas, mas nos campos soam, mais do que os accordes da lyra, as trompas e o vozear dos caçadores.

O auctor da *Paqueta* e do *Livro do Monte* — o seu ultimo e precioso livro — não é um escriptor sedentario, não é um poeta de gabinete, inventando sensações, compondo com sentimentos imaginarios situações em que nunca se encontrou; não, e os seus livros — poemas, narrativas, cantos, e satyras — a sua prosa e a sua poesia, são obras vividas: estão alli os personagens, as scenas, os episodios, os

lanças do drama da sua vida, são aquelles o ceu, as terras, os mares, os homens e as mulheres que elle viu, que elle conheceu e que elle amou.

Alma curiosa e sedenta de impressões, as suas aspirações não se limitaram a gosar dos encantos do mundo dos salões; e elle saía de um baile e partia para uma caçada, e d'ahi para uma larga digressão pelas nossas provincias, ou ia-se de foz em fora até á ilha de S. Miguel, a Hespanha ou á Italia, com um verdadeiro prazer, e não era necessario que elle o dissesse, porque bem se lhe via no rosto que o sentia.



**Caçadores distintos**  
O Sr. Visconde d'Albuquerque, caçador

São esplendidas de verdade as suas paizagens, e um toque ou dois dão-nos a impressão do mundo real, — estamos vendo e ouvindo os seus aldeões, os seus rusticos; os seus olhos fixam e gravam em si para sempre os movimentos, os gestos dos animaes — os da terra e os do ar; e as grandes scenas maritimas, as largas paizagens oceanicas que elle nos pinta — não digo descreve — na *Paqueta*, são obras primas, quadros agitados, em que o turvar da atmosphera, o assobiar do vento nas enxarcas, o fuzilar do raio e o estalar do trovão, teem tal certeza nos traços, tal viveza no colorido, que, quando o vemos, como que nos aconchegamos no gabinete, tanto a *realidade* da descripção do tremendo espectáculo se impõe ao nosso espirito!

No mar está o poeta no seu elemento. Nos momentos solemnes, em pleno vendaval, no mar dos Açores, quando os passageiros recolhiam aos beliches, e no convez só se viam os homens da faina com as suas japonsas e os seus nordestes breados, eu vejo, na minha imaginação, na pópa do vapor, quatro vultos, os dois homens do leme, o capitão Telles Machado, velho lobo do mar, e Bulhão Pato. E tudo a postos. Que um temporal n'aquelles mares é de temer; os naufragios são, ás vezes, ás duzias, quando o vento se levanta e as ondas se encapellam n'aquellas costas!

Era ahi que o poeta recebia a impressão directa do grandioso e medonho scenario das formidaveis tragedias do mar!

Os originaes dos seus quadros viu-os o grande artista bem de perto de dia, e mais temerosos ainda de noite! E com que alto estylo elle os pintou!

Quando o mar de improviso se encapella,  
Quem n'esse instante accorda, julga um sonho,  
Horriavel sonho, o assalto da procella!

A faiscar em virotões o raio;  
Ribombava o trovão, inda distante,  
O sol acafuado e de soslaio,  
Tocara as densas nuvens do levante,  
Dando ás cristas das ondas rebentadas,  
A espaço, uma tinta coruscante!

Faina geral! O vento desgarrão,  
Austral, intercadente, a carregar,  
E a rajada maior que o recalção!  
Investindo furiosas, a intestar,  
As torvas ondas de fumante espuma,  
Com as nuvens achatadas sobre o mar!

O' mar! quando a refrega violenta  
Em pyramide as ondas te levanta,  
Quem se atreve contigo na tormenta?  
A besta fera ao teu bramir se espanta!  
Sómente o homem te contrasta os impetos!  
Elle só contra ti se não quebranta!

Em tuas solidões desamparado,  
Olhando para o ceu — que, em taes momentos,  
Parece por Satan reconquistado —  
Mais audacioso que o furor dos ventos,  
Fai-ra acima do horror da natureza,  
Como um Deus por seus altos pensamentos!

Tem o mar os seus amantes, os seus apaixonados, e nós comprehendemos o sentimento de orgulho, que as almas fortes devem experimentar, ao affrontarem as coleras immensas do Oceano!

Levantar-se-lhes o mar em montanhas, e de subito, e logo em seguida, cavar-se-lhes em abysmo verde-negro e medonho, entrevedo-se lá em baixo as fauces do grande tragador, a bócca escancarada e o seio da immensa sepultura; soprar-lhes o vento nos cabos o hymno desvairedo da procella — os intervallos do silencio tragico cortados pelo gemer arrastado do arvoredo; as investidas d'esse mar, o desabar d'essas montanhas, essa *baldeação* enorme, em que ellas se precipitam, onda sobre onda, e correm e lavam o convez de prôa á pópa e levam e arrastam tudo! E as lufadas do vento, e as cambiantes da atmosphera, e o fulgurar dos relampagos, e o scintillar do raio, os gritos de terror, a pallidez dos rostos, o tremor das vozes, o anção dos animos, o trepidar dos corações!... E tudo isto a succeder-se na expressão dos olhos, espelhos da alma!... Oh! quem tiver assistido a taes scenas, se duraram horas, podem contar-as por seculos!

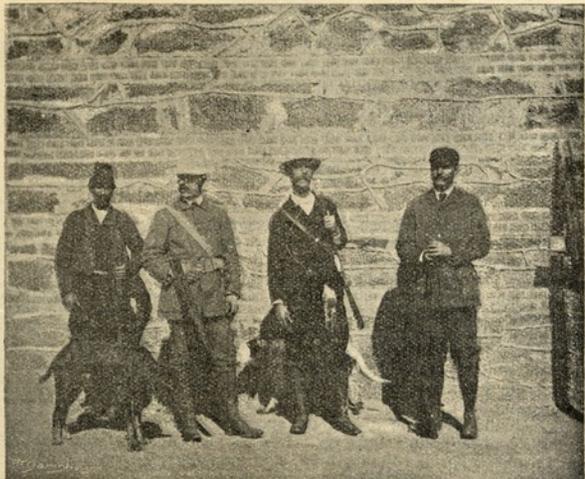
Mas os que escapam á furia da tempeste, não voltam as costas ao mar! Antes parece que mais lhe ficam aderendo! Já o Camões pintou esse amor, quando poz na bocca do *Adamastor* aquelles versos desesperados e saudosos:

Todas as deusas do ceu desprezei,  
só por amar das aguas a princesa!

Tem sido navegador o nosso poeta, tambem foi cavalleiro; e quem escapou das tormentas do mar esteve a pique de perder-se em terra, e n'um rio sem agua! Um milagre este, se não maior, pelo menos mais veridico do que o succedido ao bom cavalleiro D. Fuas Roupinho, que o nosso grande poeta immortalisou na sua *Chacara da Senhora da Naçareth*.

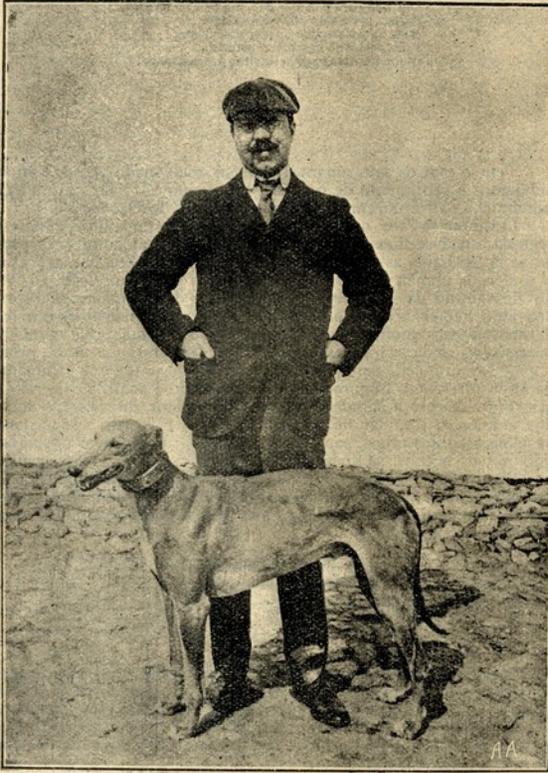
Foi o caso que Bulhão Pato saíra a passeio pelos arredores da Arruda, na companhia do visconde d'Asseca, Salvador Corrêa, pae do actual titular. O cavallo que elle montava, era um potro d'Alter, fogosissimo, e o poeta, então na exhuberancia de forças dos vinte annos, deu-lhe largas: o que a principio era trote passou a galope, e na desenfileada carreira chegaram á ponte, pequena e irregular, mas que mede de trinta a quarenta pés d'alto. O parapeito é baixissimo, e o leito do rio estava secco, a descoberto.

Quando Bulhão Pato quiz voltar o potro, ao entrar na ponte, já não poudo!... O impulso da corrida era maior, e cavallo e cavalleiro



**Caçadores distintos**  
Ossportsmen Alfredo O'Neill, Antonio Caldeira e Manoel de Castro Guimarães  
n'uma caçada em Serradaryres

salyaram as guardas, e caíram no leito pedregoso do Sizandro! O cavallo ficou, estava morto; o cavalleiro incolume! Não tinha uma beliscadura! Valeu-lhe o ser magro e de pequena estatura, dirão: valeu-lhe a fortuna, porque o salto era mortal.



#### Cacadores distintos

O sr. Conde das Galvêas, Couteiro-Mór da Casa Real Portuguesa com o seu galgo Southboso Jister, 1.º premiado na exposição de Brighton

Quando alguns homens correram para o lugar d'onde esperavam trazer o morto, já acharam o poeta de pé, sacudindo o pó de si, e aprestando-se para sair do que quasi lhe fóra tumulo! E' impossível descrever o pasmo que d'elles se apossou, ao vêrem o cavalleiro dizer-lhes, em tom galhofeiro:

— Vocês vinham para me levar! Hein! Pois obrigado, eu cá vou andando. Se quiserem levem o cavallo; esse é que de certo não pôde comsigo.

Na villa apontavam o poeta, e olhavam-o depois com certa admiração respeitosa. Parecia com effeito que elle cruzara os terríveis humbraes da morte; elle, todavia, preferiu as campinas, as varzeas, o mundo, a que tão cedo o quizera arrancar o fogoso corcel.

E por mares e rios, montes e valles, o viemos acompanhando, e cá estamos com elle nas varzeas e nas campinas, nas vinhas e nos pinhaes — n'uma palavra, nos campos de tiro, no campo das suas caçadas.

\* \* \*

Esboçemos agora, a traço largo, a physionomia, a figura do poeta, no campo, n'esse meio, tão outro e diverso das salas e academias.

No seu traje de caçador, rodeado dos seus companheiros, dos seus amigos — grupo sempre pittoresco pela variedade dos typos, e a que dão ainda mais vida e realce os cães, os perdigueiros, com a desenvoltura dos seus movimentos — Bulhão Pato lembra-nos um d'esses fidalgos d'outro tempo, poetas cortesãos e fragueiros, tão conhecidos nos saraus do paço da Alcaçova, como nas batidas e monterias de Salvaterra e d'Almeirim; aquelles que corriam com equal ardor as aventuras do amor e as da guerra, affrontando-lhes os perigos com a mesma galhardia.

Individualidade como a sua, tão accentuada, tão cheia de caracter, não conhece outra entre os nossos poetas contemporaneos: é poeta em toda a parte, a toda a hora, com toda a gente — na rua, no café, á mesa d'um hotel como no lar domestico, no salão das duquezas, ou nas salas da Academia! Em Veneza, um dia, entrando n'um dos hoteis mais elegantes, para jantar, o creado — um original que

sabia o Dante de cor — a poucas palavras trocadas, encarando com o nosso amigo, disse-lhe, interrogando e informando ao mesmo tempo com o gesto:

— *Voi sieti poeta?*

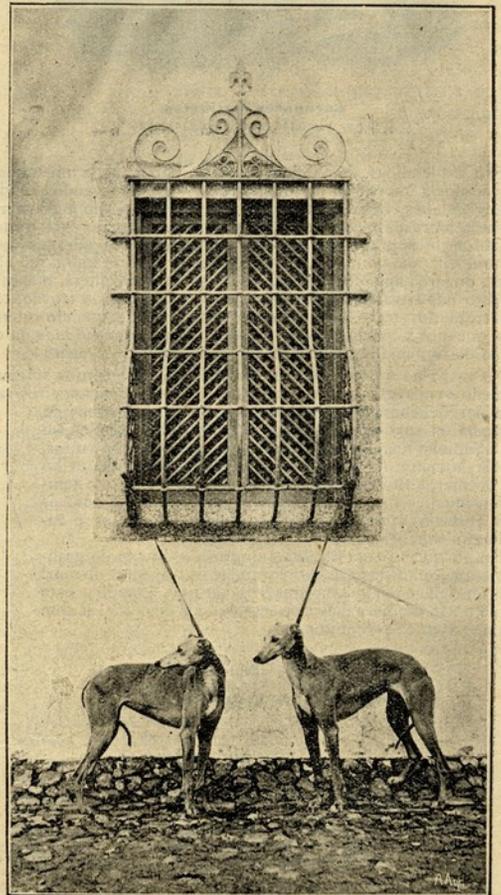
E d'ahi a pouco os dois tinham travado dialogo sobre litteratura.

Nasce se caçador, como se nasce poeta, como se nasce orador: Bulhão Pato é tudo isto, de nação, como diz ainda o nosso povo dos campos. Ser caçador é n'elle quasi um talento, uma das fórmulas do seu ser.

Atirar ás codornizes nos trigaes, perseguir as perdizes nas vinhas, chofrar as narcejas nos alagamentos, descobrir as gallinholas nas aroeiras, nos pinhaes, esperar a passagem das rolas, e dos pombos, carregar uma lebre na campina, correr um veado, emprazar um javali, fazel-o sair da *lancha*, esperal-o de cara n'uma *forta*, é um prazer, para os que procuram essas sensações fóra da vida banal das cidades, nos campos, nas florestas, nos mattos ermos e selvagens. E é mais facil sentil-o, do que explical-o aos que, extranhando-o, por isso mesmo não o podem comprehender. Tanto valeria explicar a um surdo, ou a um cego, as belezas da musica e da paizagem.

Haurindo o ar fresco e embalsamado dos campos, dilatando a vista pelas extensas pradarias, ondulantes como o mar; pelos doirados vinhedos; pelos cimios quebrados das serras; entra-se em mais intima communhão com a natureza.

Não são ruas alinhadas e poeirentas, edificios rectangulares, sombras geometricas no chão, nem céu recortado, aqui e ali, pelos telhados da casaria urbana. Terra, luz e ar, estão ali a descoberto, não nol-as encobre a mão do homem: o sol irradia esplendido no limpo



Gyp e Fly galgas inglesas de puro sangue, filhas dos galgos ingleses (importados) Southboso Jister e Goo J Night, nascidas no Cannil do Sr. Conde das Galvêas.

azul do firmamento, a aragem é pura, e a propria terra envia-nos o perfume das hervas rasteiras e das florinhas agrestes, que pisamos.

Neste contacto com a terra o homem rejuvenesce, e á serenidade dos campos responde em nós uma alegria, que não é a que rompe d'entre o convívio das festas ruidosas, mas outra mais funda, de que depois nos lembramos, e nos apparece, no entardecer da vida, com o ineffavel encanto da saudade.

E no meio d'esse scenario rustico aquelle poeta, que todos, os que sentimos e amamos a natureza, trazemos dentro de nós, occulto e tacito, acorda, e nós vamos seguindo-o, e a phantasia vae com elle a voejar, a voejar...

\* \*

Nascido em Bilbao e creado em Deusto, aldeia proxima, diz o poeta, nas suas *Memorias*, «que era a peste dos ninhos». Ali perto estavam as *Encartaciones*, onde nasceu Antonio de Trueba, o popularrissimo auctor do *Libro de los cantares*, e por ventura então outro inimigo das avesinhas. Já La Fontaine o disse: *Cet âge est sans pitié*.

Os cantos da infancia ouviu-os elle truncados pelo estrondear da fuzilaria; era a caça ao homem — as embuscadas e recontros de *carlistas* e de *christinos*. Scenas dramaticas, tragedias, como a da historia d'aquella Maria de Salomé, que elles fuzilaram! Valente mulher destemido e dedicado coração! Era a alma do poeta.

Aquellas paginas, que elle me dedicou, em termos para mim muito honrosos e que eu, aqui em publico, lhe agradeço — aquelle nefando assassínio, não o releio sem um estremeção de horror! Malditas guerras!

Reconhece-se no homem feito o forte leite que bebeu, e as primeiras auras que respirou. Bulhão Pato tem, com effeito, na sua accentuada physionomia, na entoação alta e viril da voz, nos ademanos, no porte elegante e erecto, apesar dos annos, algo, se não muito, da aristocratica altivez dos habitantes d'aquelle rincão da Hespanha, que é ainda hoje — em tempo de republicas — o baluarte, o castello roqueiro, onde se abrigam as velhas tradições e crencas peninsulares.

Não foi, porém, nos campos de Deusto que elle aprendeu a manejar a espingarda: sai apenas da infancia quando Manuel de Bulhão, seu pae, voltou com a familia para Portugal,

Abundavam então amadores illustres nas classes mais elevadas da sociedade portugueza. Na aristocracia, na alta magistratura, entre os grandes proprietarios, Redinhas, Atalayas, Arcos, Minas, Bacellares, Antonio Borges, de S. Miguel, Mira, Vaz Preto, Vimioso, tão firme na sela como na pontaria — e é o caso de se dizer mais uma vez — *j'en passe, et des meilleurs* — todos notaveis, uns como atiradores, outros como cavalleiros, mantinham alto o pendão da grande irmandade de S. Huberto, sobresaindo a todos, pelo fausto e pela magnificencia das suas caçadas, o fidalgo do Farrobo, em tudo grande — grande senhor e grande artista. Havia então mais riqueza nos palacios e mais caça nos campos.

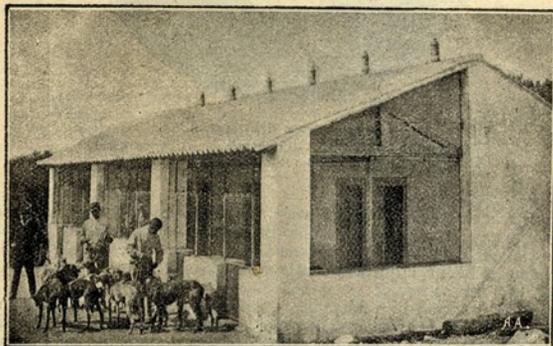
Ficaram na memoria dos caçadores as famosas espingardas inglezas de Manton e de Purdey, que se pagavam de 20 a 40 moedas; e os que viram, n'esses dias afortunados, trabalhar os cães das raças do marquez das Minas, do conde da Atalaya e do visconde da Praia, recordam-se ainda hoje com saudade da belleza de fôrmas, da elegancia e da firmeza d'esses magnificos animaes. Raças extinctas e não substituidas. Os do visconde da Praia comprou-os elle em Paris, n'uma exposição, e deu, se não me engano 50 libras pelo casal. E se me engano no preço, é para menos. Não ficaram menos lembradas as principescas caçadas nas terras do Farrobo.

Foi com estes amadores — em tudo mestres — porque, n'esta grande arte da caça, os *curiosos*, os *amadores*, é que são os mestres, e só elles o podem ser, tão complexa ella é, porque, sendo arte, é feita de sciencias — foi, digo, com taes mestres que o joven poeta, tão precoce n'este campo como no das lettras, fez as suas primeiras armas.

Com elles se estreiou e com elles se fez mestre.

\* \*

Quando eu me alistei na venatoria confraria, foi Bulhão Pato meu padrinho, e na companhia d'elle perpetrei os meus primeiros crimes. Que Santo Huberto m'os perdôe. A minha primeira victima foi um



O canil do Sr. Conde das Galvêas

maçarico. Iamos no catraio do Lourenço para o juncal da Trafaria, que então — *helas!* — ainda tinha codornizes, lebres e narcejas. Foi ha trinta annos, e parece-me que o estou vendo, ao pernälto, cair na agua.

Antes d'isto, já me tinha exercitado, atirando aos ferreiros, que todas as tardes vinham fazer as suas correrias aereas no alto da quinta do Desembargador, em S. Francisco de Paula.

A anglo-mania não se apoderara d'elle, apesar da moda e da tradição, que já era antiga. A espingarda com que elle atirava então era uma bella arma hespanhola de Eybar — canos de *herraduras* — como n'elles se lia em letras d'oiro, e oitavados até um terço. D'oiro era a mira e com elle era ornada discretamente na bocca e em volta das platinas. Nada de oriental n'esta ornamentação sobria — um filete apenas. A fecharia tinha mola de segurança. Elegante e solida, havia dado as suas provas: a esse tempo entrara já em muitas batalhas, e pouco antes Lopes Cabral — um athleta — matou com ella, em um dia, na Gollegã, setenta e cinco codornizes!

A Eybar succedeu Paris, e a espingarda que lhe conheço em effectivo serviço, ha mais de vinte annos, é uma Gastine-Renette, do systema Lefauchaux, cinzelada e acabada com a maior perfeição. Arma fina e de preço.

Gastine-Renette é um dos mais illustres entre os fabricantes de armas contemporaneos. Foi o *Arquebusier* de Napoleão III e o seu fornecedor predilecto de armas de caça e de guerra.

No cabide de armas do poeta vêem-se mais duas — uma de fogo central, belga, e outra Flobert-Remington.

Arma traiçoeira esta ultima. Como os machos d'arriero morde e dá couce! O cão levanta, e o tiro vem, ás vezes, para a cara do atirador. Perigoso systema.

\* \*

Dos cães da espingarda para os das perdizes a transição é facil e está feita.

O capitulo dos nossos fieis aliados e dedicados companheiros é para nós ainda mais importante do que o das armas; com uma espingarda mediocre pode-se caçar — é com ella que atrai a maior parte dos caçadores — mas com um cão mau é impossivel; a caça que levanta é por acaso, e depois de morta ou ferida perde-se o rastro á maior parte, que fica no campo para os ginetos, para as rapozas e para os milhafres.

Pois os paragraphos d'este capitulo são brilhantes; Bulhão Pato tem tido a fortuna de caçar na companhia dos seus amigos, com optimos perdigueiros, e de ter possuido, entre os seus, algumas *espa-*



Na herdade da Torre de Sepulveda — A matilha do Sr. Conde das Galvêas



**Caçadores distintos**

Visconde de Reguengo — Presidente da assembleia geral da Associação Protectora da Caça em tempo defeso



**Caçadores distintos**

José Thomaz Coelho, presidente da Direcção da Associação Protectora da caça em tempo defeso

das de primeira ordem. Teve o *Pombo*, soberbo animal—presente, se não me engano, do morgado Antonio Borges, distincto amator, da ilha de S. Miguel; a *Medora*, lindissima perdigueira, uma estampa, fina de desenho e de côr, e que era o enlevo de Alexandre Herculano, apesar d'elle não ser caçador.

A estes seguiu-se o *Maçepa* — um verdadeiro tyranno dos campos, que a nada perdoava: o que elle encontrava diante de si devia ir para o ar! Branco, todo elle, alto, a cabeça grande, a orelha curta, robusto de fórmãs, d'um enorme alcance de olfato, fazendo a caça a ventos, com uma certeza e a distancias prodigiosas. Era um bello espectáculo vê-lo trabalhar em campo largo. Aventava a caça de cabeça erguida e ia direito a ella, com tal firmeza, que não seria maior, se elle a visse!

Como todas as formosas tinha um senão — não trazia a caça ao dono.

Porque um tal defeito em animal de raça, e tão fino como este era, ao certo não o sei. Podia tel-o de natureza ou adquirido. Offere-

cido ao illustre poeta pelo seu velho amigo, o general Schwalbach, mandara-l'ho este do Porto, ainda novo, mas, se bem me lembro, já feito, e a caçar. Talvez lá fosse treinado por algum amator inglez, e estes, como se sabe, costumam, caçando com dois ou mais cães, delegar no *retriever* as funções subalternas de procurar e trazer á mão a ave, a lebre ou coelho, levantando pelos seus dóbres *pointers* ou *setters*. Fôsse o que fôsse, *Maçepa* era, apesar d'esta falta, um brilhantissimo explorador.

*Lady*, a cuja morte o poeta — como outros, Byron, por exemplo, — dedicou sentidos versos, não desmerecia d'estes, e era d'uma meiguice notavel e d'uma rara dedicação.

Eu não fiz versos aos meus, não sou poeta; mas quando elles fecharam os olhos para sempre, os meus nunca ficaram enxutos.

O dia 8 de setembro era o escolhido por Bulhão Pato para a abertura das suas caçadas do inverno no sul do Tejo, e o sitio preferido era o juncal da Trafaria.

A meia hora de caminho de Lisboa, com uma travessia encantadora n'esses formosos dias de outono, tínhamos alli, por assim dizer, a nossa coutada — nossa e de poucos mais felizmente. Os outros frequentadores eram os ranchos de José Maria Villar, e de João Lourenço, ambos creados da Casa Real, e os srs. Goulades, da Junqueira. Os caçadores de Lisboa, a uns desviava-os d'alli o terem de ir em barco de vela, e a outros levava-os para os pinhaes de Corroios a ambição das gallinholas. Assim divertidos de concorrerem comosco, era raro encontrarmos competidores.

Quando, pelas cinco horas da manhã, eu chegava, equipado e armado, a casa do poeta, que morava então — 1867 — na rua das Praças, á Lapa, já lá estavam sentados á porta, dois vultos, que de longe e pelo escuro eu não distinguia: — eram o Lourenço da Pinha, o nosso barqueiro de Belem, e um dos filhos.

O bairro jazia, as ruas eram ermas, mas lá dentro tudo estava a pé. A morada do poeta, que ainda hoje conserva o mesmo aspecto,

é sobre si e tem a apparencia d'um *cottage* — rez-do-chão, primeiro andar, e, sobre este, outro pavimento mais baixo, com quatro janellas, d'onde se disfructa, por cima dos telhados fronteiros, o Tejo — vista que tanto realça e alegre a casaria d'aquelles bairros da Lapa e de Bueiros Ayres.

O *Faliéro* e a *Medora*, já dispertos, latem no canil, ruidosos e contentes; na cosinha o José, robusto e sympathico rapaz, honra da raça d'além do Minho, com as suas botas d'agoa, a camisola de flanela em listas, a sua cara sempre alegre, e a Maria, a creada, davam a ultima demão nos aprestos do almoço e no arranjo das bagagens, porque, ás vezes, estas excursões duravam dias. O poeta, installado no seu quartel general venatorio, em casa da sr.<sup>a</sup> Maria Adrião, na Costa, havendo caça e dias amenos, deixava-se lá ficar, até que algum sueste bravo, dos que costumam açoitaraquella planicie d'areia, o forçava a levantar vôo e recolher aos abrigos da cidade.

A primeira pessoa que eu via áquella hora matinal, e que no alto



**Caçadores distintos**

Jacyntho Paes Falcão



**Caçadores distintos**

Antonio Brandão de Mello



**Caçadores distintos**  
Conselheiro Eduardo Montufar Barreiros

da escada me dava os bons dias, era sua irmã a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Piedade, com o seu ar senhoril, e a sua voz alta e vibrante. Muito parecia nas feições com elle, não o era menos no fino espirito e na amenidade do trato. Mais velha do que Raymundo foi, por assim dizer, a sua segunda mãe. Acompanhou-o na vida, e tudo com elle partilhou — a gloria e a adversidade. Tinha um animo varonil a illustre senhora: aquelles primeiros annos da sua mocidade, passados em Hespanha, no meio das guerras civis, deram-lhe a tempera. Era uma alma forte, e por isso mesmo igual, serena e resignada, na boa e má fortuna.

Estes Bulhões são de bom e antigo sangue. Manuel de Bulhão foi um homem em toda a acceção da palavra — honrado, forte e valente.

Transposta esta primeira estação, em cima estava o poeta, já a pé, vestindo-se, espreitando pelas janellas de sul e sueste o cariz do ceu, e o rumo do vento, e fazendo o prognostico da caçada.

Alli era o seu miradouro, o seu gabinete de trabalho; alli recebia os seus intimos, alli compunha os seus poemas. Aposento



**Caçadores distintos**  
Rev.<sup>o</sup> Padre Antonio d'Almeida

modesto e simples, que tinha nas paredes, por unico ornato, uma cercadura feita com os bellos retratos dos contemporaneos illustres, gravados por Souza para a *Revista Contemporanea*.

— E's tu, Zacharias?

E logo, em seguida, quando eu abria a porta:

— Temos caçada. O dia esplendido! Já lá está o Lourenço?

E depois, sempre poeta, trocadas as primeiras palavras, dizia, com a sua mascula e bella voz, os conhecidos versos da *Chacara da Nazareth*:

Manhãs frescas de setembro,  
quando orvalho está a cair,  
frescas manhãs de setembro,  
quem n'as podera dormir!  
.....

E saltava para estes, — tão vivos, que todos os dirão d'um caçador!

Voam corseis e sabujos!  
Apupa, apupa, clarim!  
Que esta sina de fragueiros,  
não tem descaço nem fim!

E como commentario, a fechar, dizia:

— Deixa-os lá, é um grande poeta.

A toilette estava terminada. Afivelado o cinto, mettidas n'elle as luvas de camurça, dando um relance d'olhos em volta do quarto, como a despedir-se:

— Agora vamos ao café, que sem esse viatico não ficamos amanhados. Vae tambem uma golada de cognac? A manhã está fria.

E, pondo-me a mão no hombro:

— Rapaz, rapaz, dizia-me elle — estás nos teus vinte annos!...

Datavam de pouco as nossas relações; eu tinha então vinte e sete annos cumpridos, elle devia ter trinta e seis. Os meus vinte já lá ficavam para traz na estrada, mas eu felizmente, sempre fui mais novo que a minha idade. E ainda hoje tenho esse defeito. Surprehendo, ás vezes, em mim ingenuidades infantis — auroas, esplendores, e soes poentes de dias, que ha muito passaram... Na minha memoria evoco esses phantasmas, que me apparecem vivos, e travo dialogos com elles... E tudo isto é *pela força do muito imaginar*. A phantasia, a memoria viva, fazem-nos o milagre d'estas resurreições!

Tomado o viatico, accesos os cigarros — Pato prefere a *cigarrilla ao havano* — despediamo-nos da D. Maria da Piedade, e partiamos. Ella ficava — algumas vezes nos acompanhou tambem n'estas excursões — mas nós tinhamos a certeza de que o seu pensamento nos não desamparava, porque no seu espirito, como no de todos, a idéa da caça andava associada á do perigo.

Desciamos a rua de S. Domingos e chegavamos á rocha do Conde d'Obidos, atravessando as ruas ainda desertas. Os Lourenços e o José tinham marchado na frente com as bagagens.



**Caçadores distintos**  
Rev.<sup>o</sup> Padre Neutel

O tempo voou, mas todos os annos, nos primeiros dias de setembro, nas lindas madrugadas do outono, serenas e cheias de luz, lembro-me com saudade de quando, ao entrar no quarto do poeta, eu era saudado com os versos da caçada do Alcaide-Mór de Affonso Henriques:

Manhãs frescas de setembro,  
quando orvalho está a cair  
.....



Aquella rocha do Conde d'Obidos—assim chamada por ser alli junto o solar, o palácio d'aquelles illustres fidalgos—vemol-a hoje mascarada com parapeitos, varandas, e escadas, e coroada, no alto, com uma pequena praça ajardinada, donde se gosa a linda vista do uosso rio. *Quantum mutata ab illo!* Era então toda igual a uma nesga, que ainda lá se conserva—uma encosta pedregosa, adusta pelo sol, batida dos ventos, escalvada pelas chuvas, coberta aqui e alli por uma vegetação rachitica e parda. Um trecho da natureza selvagem, uma verdadeira arriba do mar!



Alli, filho de S. Jister e de Good-Night, nascido no cannil do Sr. Conde das Galvêas

Descia-se para o rio por um longo corredor, entre dois muros—um do palácio, o outro da cerca do convento das Albertas—e a escada que conduzia ao pequenino caes, lá em baixo, era um verdadeiro quebra-costas,—tortuosa, de degraus irregulares, abertos uns na rocha, outros na terra! Do alto da rampa, verdadeiro precipício, vi eu, um dia, sendo muito novo, cair um marinheiro inglez ebrio. Um horror!

Parece impossível que aquillo fosse, até aos nossos dias, um dos caes de desembarque d'esta bella cidade! Era ahí que embarcavamos. Arrumadas as malas, seguros os cães, os remos caíam na agua.

—Jesus! dizia Lourenço.

—Maria! segundava o filho!

E o catraio seguia, de voga arrancada, rio abaixo, direito á Trafaria, quando não a Belem, onde iam buscar o João Lourenço—o João da Burra, como lhe chamavam desde pequenino, d'uma burra com que elle, da sua villa nos arredores—Cintra, creio eu—costumava vir á cidade.

Caçador de El-Rei D. Luiz, morava elle em Belem, e quando não tinha serviço no Paço, acompanhava-nos n'estas digressões ao Juncal.

De boa estatura, e robusto, o olho pequeno e vivo, a tez rosada, as feições regulares, o nariz aquilino, João parecia um abbade minhoto, dos que tem bons presuntos na dispensa e bom vinho na adega.

Boa espingarda, bom garfo, bom copo, bom rosto, e, portanto, bom companheiro, era, além de tudo isto, fino como um coral. Rapaz, filho do povo, fizera-se homem na cidade, tinha, o que é raro nos homens da sua classe e profissão, aprendido a sciencia difficil de se manter sempre no seu logar, mas, quando queria obsequiar alguém, fazia-o com a gentileza d'um fidalgo.

Um exemplo.

Homem videiro, abria elle em Belem, defronte dos Jeronymos, um restaurante, a que poz o nome do Caçador. Um dia em que eu fui visitar a egreja—é um dos meus divertimentos—demorei-me mais, e eram horas de jantar, quando de lá saí. A minha casa ficava longe, e eu dirigi-me ao Caçador.

Prevenindo já a hypothese de lá estar o dono, entrei pela porta do lado. O creado que veio receber as minhas ordens, parece que me conhecia, porque elle a voltar costas, e João a apparecer com o seu rosto presenteiro. Eu disse-lhe o que queria, elle sentou-se no logar fronteiro, e travámos a conversa, é claro, sobre a materia vasta—a caça, e artes e historias correlativas.

Quando eu ia no fim do primeiro prato, João, tomando os ventos, disse-me:

—Está-me cheirando bem isso. Parece-me que lhe faço companhia. José, traze tambem para mim.

E jantámos os dois, entremeando o paio com ervilhas, e as eirozes grelhadas, com historias, algumas mais salgadas que os gisados, que iam saboreando.

Quando accendemos os charutos, e eu pedi a conta, elle fez um signal ao servo, que desapareceu, e logo voltando-se para mim:

—V. Ex.<sup>a</sup> deu-me a honra de jantar commigo na minha casa, e eu estou pago. Não deve nada.

E' claro que não insisti. Se teimasse, eu é que era malcreado.

Tempos antes fizera-lhe eu uma pequena fineza, e elle quiz-me mostrar que a não havia esquecido. Podia contar d'elle outras historias, mas esta basta.

João Lourenço trazia comsigo, para as nossas caçadas, os seus cães, na companhia dos quaes vinham alguns, que pertenciam á Casa Real, e que, seja dito de passagem, não envergonhavam os nossos. E não trazia só isso; muitas vezes trazia tambem o seu pittoresco trajó do Real serviço, e com elle vinham outros caçadores da Casa, bem vestidos e armados, e bons atiradores.

Quem visse então no Juncal Bulhão Pato e os seus amigos com aquella comitiva de caçadores, perdigueiros, e batedores do sitio, que se nos agregavam, e attentasse na chapa, com as armas reaes, de prata reluzente, que ornava o chapéu á *Mosqueteira* do nosso moço do monte, cuidaria que eramos alguns principes saciados de caça, que, para variar o menu cynegitico de Mafra e Villa Viçosa, iam, pedestre e burguesmente, atirar alli ás codornizes e ás narcejas.

Caçadores reaes e verdadeiros eramos nós, e principes tambem ás vezes iam dois: um era Lopes Cabral—que nós elevamos a essa dignidade, o outro tinha-se elevado a si mesmo, era Bulhão Pato—mas o seu principado era, e é, na... Republica das Lettras. Tem menos fausto, menos representação, e incomparavelmente menos rendimentos, mas tem sobre os outros uma vantagem, uma absoluta superioridade: os seus subditos podem não lhe tirar o chapéu, podem discutir-o, podem não o ler—que é a maxima affronta, mas o que não podem é obrigar-o a abdicar!

As corôas dos poetas estão acima das revoluções.

O nascer do sol no Tejo, o nosso formoso e grande rio, em dias de outono, é um dos mais encantadores espectaculos que os olhos podem gosar, e esta digressão, rio abaixo, até Belem, e d'ahi para o sul, era um delicioso *lever de rideau* das nossas caçadas, a que nem sempre correspondia o resto do spectaculo. N'isto como em tudo.

Preferiam os barqueiros ir á vela, nós a remos. Não tinhamos a distracção da manobra, o cambiar do panno, o procurar o vento, o regular o leme e a escota, mas por isso iam mais quietos, vendo tudo melhor e conversando.

Em materia de conversar ha os que gostam de fallar e os que preferem ouvir. Bulhão Pato é dos primeiros, eu dos segundos. O que eu sei não é novo para mim: o que os outros me dizem pode sel-o. E d'aqui não se segue que eu seja modesto, antes talvez se deva concluir que sou curioso.

Talento e palavra espontaneos, e sempre em acção, o poeta de todos os assumptos tira partido; e elle, que não é um naturalista, um sabio, é um fino observador da natureza, e assim na sua conversação o mundo real reforça e concretisa o imaginativo.

Assim como os companheiros, variavam os assumptos. Se iam artistas, musicos, predominava o lyrisimo—S. Carlos, os tenores, as *primas donnas*, os *maestros*; se nos acompanhava algum politico—caso raro, que os politicos atiram a outra caça—era a oratoria—José Estevão, Passos Manoel, Rodrigo, Rebello da Silva, Garrett; se iam mundanos, então eram bailes, amores e aventuras; não faltavam assumptos para os



Um ensaio

quadros, nem ao artista as côres para os pintar. Uma coisa havia prohibida e banida da nossa sociedade—era o silencio.

Quando nós, ao largar da rocha, nos conservavamos cinco minutos'callados, Bulhão Pato protestava:

—Leva de rumor!—diziu elle, apostrophando comicamente o nosso mutismo. Parece que morreu aqui alguém! O' Diogo patustaste mal a noite?

D. Diogo, d'uma antiga e nobre familia do Alemtejo, era um dos mais intimos amigos do poeta.

Era-o desde a infancia: tinham frequentado juntos o collegio inglez da rua do Quelhas. Nascera na India. Os olhos e os cabellos pretos, os dentes alvissimos, e a cõr bronzeada do rosto, denunciavam n'elle o exotismo da procedencia, a influencia do sangue oriental. Excelente rapaz e intelligente, era um magnifico companheiro — d'estes que não se sentem, que não pesam.

Como todos os caçadores que são um pouco artistas, Diogo não desgostava do pittoresco, e tinha, de tempos, os seus caprichos de *toilette*. Um dia, depois de ostentar aos nossos olhos de amadores uns lindos ceifões amarelos de pelle de cabra, preparada á cordoveza, debruados de vermelho, e orlados de phantasiosos florões, abertos sobre panno da mesma cõr — obra prima d'algun artista andaluz — para completar o effeito tirou da sacca um barrete, tambem vermelho, com uma longa e fornida borla preta, e pol-o na cabeça, ageitando-o artisticamente. Diogo não era bonito, mas aqui a cõr salvava o desenho.

Um esplendido modelo para um Fortuny! A paleta completa —

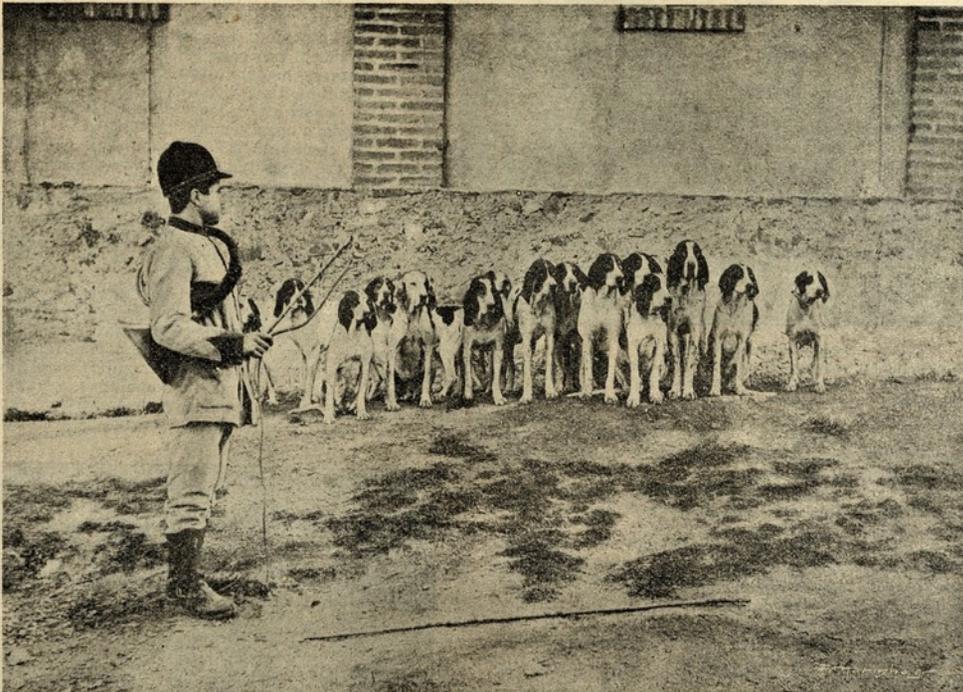
e que, se é propria, não é correctã. Elles usam de bragas — mas não é na lingua.

As nossas baterias voltaram-se então para elles, e quando, já longe, não os podiamos ouvir, ainda os viamos gesticular... Era uma diversão aquella, quasi obrigada, entre os frequentadores do rio.

As gaiotas vinham, ás vezes, reconhecer-nos de tão perto, que, apesar de não cultivarmos este genero de *sport*, se ellas se contassem á ida, haviam de achar alguma de menos.

Isto, porém, era raro. Patos tambem, se passavam ao alcance, eram saudados, mas de ordinario, alteavam, ao vêr-nos e, apesar do que se costuma dizer, não lhes chegava o chumbo, não caíam.

Um dia é que o *lever de rideau* — o prologo — esteve quasi a ser tragedia. A espingarda de Bulhão Pato — era a de Eybar — deixara-a elle ficar em Alemquer, onde fõra caçar, e Cabral, que de lá a trouxera, mandou-lh'a na vespera, Cabral — um grande e experimentado caçador — era tudo quanto ha de mais cuidadoso; podia-se-lhe chamar, sem *calembourg*, o rei das cauellas. Mas uma vez todos erram, e quando Bulhão Pato, que tinha o costume de dar um fogacho á es-



Em Serradayres. — A matilha do Sr. Manoel de Castro Guimarães

uma orgia de cõres! Vermelho, preto, encarnado, amarelo, estrelantes, illuminados pelos raios do sol nascente, e destacando sobre o fundo verde do mar! O que faltou foi o pintor.

Chegou a vez do cigarro, e a bolsa do tabaco e o fusil de Diogo tambem eram elegantemente historiadados.

Depois de o accender, elle relanceou os olhos alegres sobre nós, acabando pelos pôr em Bulhão Pato.

No olhar de Diogo havia uma provocação á galhofa, na sua bocca brincava um sorriso gaiato.

Então Pato, que estivera a olhar para elle, desde a imprevisa appareição do barrete vermelho, disse-lhe, com uma grande seriedade:

—Estás bonito, estás. Pareces o bey de Tunis!

O effeito foi fulminante, e a gargalhada geral. O proprio Diogo ria como um perdido.

O ataque não ficou, porém, sem réplica. Cruzados os ferros, houve alguns *coups de bouton* bem executados, bons ataques e boas respostas, proprias de dois jogadores que se conheciam, que se estimavam e que se respeitavam. Um assalto de chistes para a risota.

Travado sobre a superficie das aguas, participou da natureza d'ellas — os golpes não eram sanguinolentos, mas eram salgados... E por isso lá ficaram no *salso argento*.

E nós ainda a rir, um barco a passar perto, e um dos filhos do Lourenço a gritar-lhe:

—Ai, minha perna, sr doutor!

Os vatinos acudiram á resposta na linguagem que lhes é peculiar

pingarda, antes de principiar a atirar, o fez sem a menor desconfiança, porque nenhum dos *pistons* trazia fulminante, d'um dos canos saiu incendiada a polvora solta, mas o outro disparou um tiro a valer! Encarâmo-nos todos: estavamos illesos.

O que nos valeu foi o ter elle, tambem prudente, disparado, como usava sempre, por cima da borda.

—Hein! disse o poeta — de que nós escapámos! Mestre Cabral d'esta vez esqueceu-se!

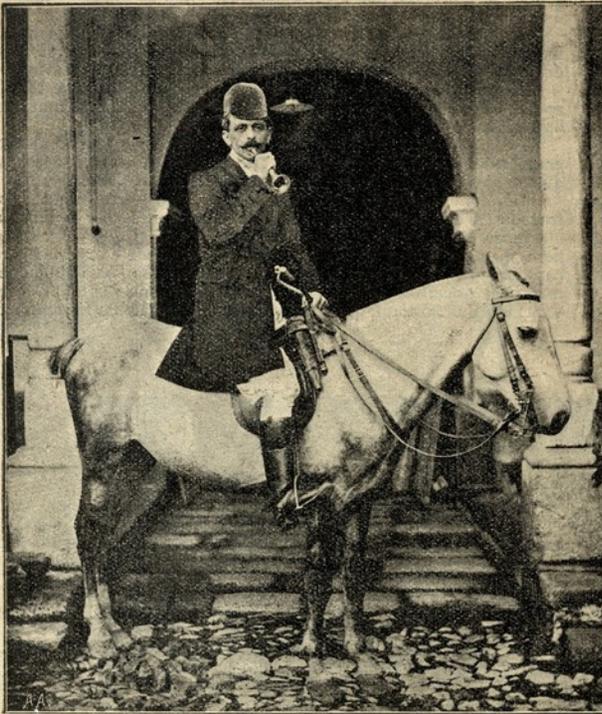
E foi este, em tantos annos, o unico accidente que teve assomos de gravidade.

—E o mar, n'essas travessias? pergunta o leitor, curioso d'estes pormenores.

Como ao outono se segue o inverno, algumas fizemos em que o catraio do patrão Lourenço dançava um tanto sobre as aguas...

Um dia, que nós tinhamos escolhido para dar uma saltada ao Juncal, amanheceu-nos carregado o ceu, asperrimo o sudoeste, prometendo agua, de inundar um Sahara!.. A resolução estava tomada, e nós fomos por terra a Belem. Lourenço, que não nos viera buscar, por vêr a feia catadura do tempo, levou-nos ao caes, e ahi, com os braços abertos e as mãos espalmadas, mostrando-nos as ondas verde-escuras, crespas, picadas pelo vento, franjadas de espuma, e o mar deserto, disse-nos:

—Os senhores bem vêem... Nem um pau ao cimo d'agua! — E acrescentou, para reforçar — Os outros senhores que aqui tambem costumam vir, foram-se para casa...



#### Caçadores distintos

José Romero Dusmet, secretario da Legação de Hespanha em Guatemala como *Master of the hounds*

—Então você, Lourenço, não nos quer levar. Tem medo? perguntou Bulhão Pato, olhando para mim.

Eu não, senhor. Medo não tenho, mas é que os senhores ficam enxovalhados. Leval-os, levo-os eu. Agora enxutos... por isso é que eu não respondo.

E o intrepido algarvio — Elle era de Ferragudo — chamou com o mesmo rosto sereno, os filhos, e saltámos todos para o barco. Armada a vela, que o vento logo enfunou, partimos. Atravessámos, com a borda quasi sempre rente da agua, e, uma ou duas vezes, eu senti fugir o banco debaixo de mim...

Já está morto um dos nossos companheiros d'então, que em taes casos se sentava logo em baixo, nos paneiros.

Praticos do rio, habituados a viver n'elle, os nossos homens conheciam-o como os seus dedos; as correntes da agua e do vento viam-as tão bem que, n'esta manobra de virar de bordo, debaixo do vento, o catraio obedecia como um fino corcel, quasi sem parar na carreira, com tal certeza era feita, tão acertados se concertavam os movimentos do que ia ao leme com o que cambiava o panno!

Iamos fazer o ultimo bordo, mais perto da terra, e que era o mais serio...

—Agora! disse o velho Lourenço, com os olhos na vela, ao filho, que ia em pé junto do mastro. O catraio parou um instante, a vela cambiou, e elle seguiu. Mas, n'esses momentos, quem vae no barco e não é do mar, é que lhe sente o balanço.

Conforme elle dissera chegámos a salvo, se não enxutos. Ainda assim a aspersão foi levissima, se attendermos ao que prometiam o vento, o ceu e o mar!...

Bulhão Pato teve muitas mais occasiões de afrontar a torva catadura do Padre Tejo, e depois, no mar largo, as temerosas iras do Oceano. Mas, como tanto se pôde morrer afogado aqui como lá, sente-se um grande praser quando, roçando pelo perigo, lhe escapamos... pela tangente.

Aquella charneca do Juncal, descoberta, erma e agreste, onde, no verão, dardejia o sol implacavel, e no inverno sopra o sudoeste, ouvindo-se, ao longe, o rolar das ondas, é uma paisagem profundamente triste, mas que não deixa de ter encantos. A solidão do deserto está alli, fronteira, e contraposta ao bulicio da cidade!

Um areal enorme, cortado de pequenos medãos, coberto d'uma alta, espessa e hirta vegetação de juncos verde-negros, entresachados de pequenas moitas de joia. Arvores... apenas algumas figueiras na horta do Miranda, á beira do rio! Isto e uns canteiros de morangos, eram os unicos signaes da vida vegetativa, n'aquelle chão arido e inhospito. A vinha, que elle alli plantara, agonisava, rasteira, enfiada e rachitica.

A gente, pouca, pallida, anemica, dizimada de continuo pelas febres. As aguas do inverno, estagnadas em charcos, tornadas paues, fermentando-as o sol ardente da canicula, evoluam de si miasmas mortaes, que o vento não varria, e que não poupavam nem as creanças, nem os adultos.

Em dias de sol, com o ar parado, aquelle ermo descampado, é uma amostra da paisagem africana. Ao fundo para o lado do Oceano, cabanas de colmo dos pescadores, baixas e negras, e perto d'ellas a capellinha branca; defronte o cemiteiro, com os cyrestes esguios, baluçando — como nós — entre a vida e a morte; á esquerda o Monte — arida rocha, a pique, com o seu aspecto de fortaleza; á direita, a praia e o mar.

Nada mais triste! Um dia em que lá fiquei, ouvindo, ao sol posto, o toque das Ave-Marias, deu em mim tal melancolia que desatei a chorar!

Não era ameno o sitio, tampouco o foi, em tempo, a fama dos seus moradores.

— Anda fugido na Costa — era uma phrase corrente na bocca do povo, quando se fallava de algum criminoso fãchudo, que desaparecera de Lisboa.

— Transposto o Tejo, ladrões e assassinos alli se acoitavam e escondiam nas companhas dos barcos de pesca. Assim escapavam no mar aos quadrilheiros de Lisboa, quando lá iam perseguil-os. Uma visita da justiça á Costa — em tempos de que a policia estava longe do que é hoje — era uma expedição arriscada, e quasi sempre inutil.

A civilização já lá chegou, e, se não mudou a natureza, mudaram os costumes. Ainda não podemos dizer que reina alli sempre uma paz octaviana. Um dia, logo depois de saírem de lá os nossos amigos, um homem chamado Damião, foi esfaqueado.

A casa da sr.<sup>a</sup> Maria do Adrião — o nosso hotel — era respeitada — e nós, saindo de lá, não faziamos detença na povoação.

Os pescadores, pobre gente, quando ha peixe andam na sua faina; quando elle falta veem-se á porta das choças, ou na praia, olhando, tristes e sombrios, para o mar alto. E' d'alli que lhes vem a ventura e a desgraça. Aquella vida, que para nós tem uma grande poesia, traz-lhes sempre deante dos olhos duas sombras negras — a fome em terra, quando escasseia o peixe, e a morte, quando os surprehe de o vendaval!

Serios e concentrados, mantinham um discreto silencio.



#### Caçadores distintos

Guilherme Ferreira Pinto Basto, Eduardo Romero, H. Tomlin e Anselmo Pinto Basto

quando appareciam onde nós estávamos. Com os rostos semi-ocultos, os gabões caídos em largas prégas, tinham um quer que é de sombras, movendo-se lentamente n'aquelle funebre scenario.

A nota alegre, unica, mas esta vivissima, eram as creanças. Essas, sim, que vinham sempre visitar-nos. Nós, para ellas, eramos a *novidade* — com os nossos trajos, armas, e perdigueiros. Elles, o bando bulichoso, saltão e gárrulo, corriam para nós, cheios de pittoresco e de vida. Uns de gabões pardos, outros de camisolas riscadas, brancas, azues, vermelhas; alguns semi-nús, mostrando pelos rasgões do fato, a pelle trigueira, com os seus tons fulvos; todos descalços; os cabellos, pre-

para ser frequentado por senhoras. Quem alli as levava, não era a fama das amenidades do logar, eramos nós, os caçadores, auxiliados por um certo estimulo artistico, o da curiosidade do contraste, ver a povoação dos pescadores, com as suas casas de colmo, armadas sobre barcos! Um trecho da Africa, á vista, e a dois passos de Lisboa!

Das classes populares tambem alguns alli iam fazer as suas festas de campo. Mas essas não raro tinham um epilogo comico, quando não tragico. Vinho quasi sempre, e ás vezes sangue.

Casas de cal e areia havia lá então duas ou tres. Na parede exterior d'uma d'ellas lia-se uma inscripção, em grossas letras d'almargue, commemorando que a modesta vivenda fôra honrada, em tal dia, por um Rei nosso. Se bem me recordo foi D. João VI. E tambem me mostraram o tinteiro de faiança nacional, pintalgado de amarelo, vermelho e verde — tons crus — de que elle se serviu para escrever ou assignar não me lembro o que.

Este sertão, inhospito para gente civilisada, foi durante muitos annos, talvez pelo seu estado de natureza primitiva, um paraíso para os caçadores. Um completo matagal, alto, denso, e espinhoso! Invernos havia, porém, abençoados, em que parecia ter-se alli aberto a arca de Noé! A caça de arribação em bandos! Eram bibes, tarambolas, narcejas, patos, massaricos reaes, gallinhas d'agua, borrelhos, toirões, codornizes, e depois lebres, e até galinholas e perdizes, que desciam do monte, tudo com o seu acompanhamento de aves carnicieiras, corvos, grifos e milhafres!

Quando Bulhão Pato começou a frequentar-o com os seus amigos, ainda o Juncal era isto. Hoje lembra o *locus ubi Troja fuit*. Aqui foi Troia!... Catado de norte a sul, de leste a oeste, dizem-me que não deita de si quatro codornizes!

Não vou lá ha, talvez, quinze annos, e no ultimo dia as minhas perdigueiras levantaram-me apenas duas!

Ephemeros todos os paraizo! Até os dos caçadores!

N'aquelle dia, ao romper da manhã — uma manhã de novembro, fresca e luminosa — abicava ao caes do aterro, fronteiro á Rocha, toda a esquadriha do patrão Lourenço — tres bellos catraios, governados por elle, pelo seu filho mais velho, José — um rapagão desembaraçado e por outro patrão, o João, alto e membrudo como um athleta, e que hoje é mestre d'um dos vapores de Cacicilhas.

Moços e velhos, eram todos maritimos ás direitas, e n'aquelles barquinhos iam elles á pesca, e por lá andavam, sem medo e á ventura, fóra da barra! Quantas vezes, para não faltarem á sua palavra, elles nos vinham buscar alli, tendo perdido a noite no mar! E isto percebiamol-o nós pelo arranjo do barco, denunciante do serviço da noite. Da bocca não lhes saiu nunca uma palavra, que podesse ser tomada como um encarecimento interessado, um appello á nossa generosidade!

João Lourenço já vinha com elles de Belem, trazendo as suas melhores espadas — o *Thiers* a *Norma*, o *Tibau*, e outros. Acompa-



Tomando ventos

tos, loiros, arruivados, crespos e revoltos; e queimados os rostinhos pelo sol, e crestados pelo nordeste.

Alguns, mais atrevido, colleava, lenta e sornateiramente até á casa de jantar; os outros miravam-nos de longe por entre as portas, com os olhos vivos, esperando a saída. Poderia a vista satisfazer-lhes a curiosidade, mas nós a esse prazer, puramente optico, ajuntavamos alguma coisa mais tangivel.

Os primeiros a receber os nossos dons eram os mais velhos, os que nos tinham prestado algum serviço, que elles, no acto, não se esqueciam de allegar. A esta distribuição seguia-se outra, que era geral. Atiravamos para o monte.

Tinha que ver então! O bando precipitava-se, avido e furioso, sobre as mealhas esparsas na areia. Era uma confusão vivissima de corpos ás rebatinhas, de cabeçitas resfolegantes e afogeadas, de mãos aduncas, luctando qual de baixo, qual de cima, pela posse do metal. Aqui e alli, d'entre a revolta molle, erguiam-se alguns, cheios de alegria e de poeira, mostrando orgulhosos o premio da lucta. E ella repetia-se, se um olho mais agudo descobria no chão algum cobre, que aos outros escapara.

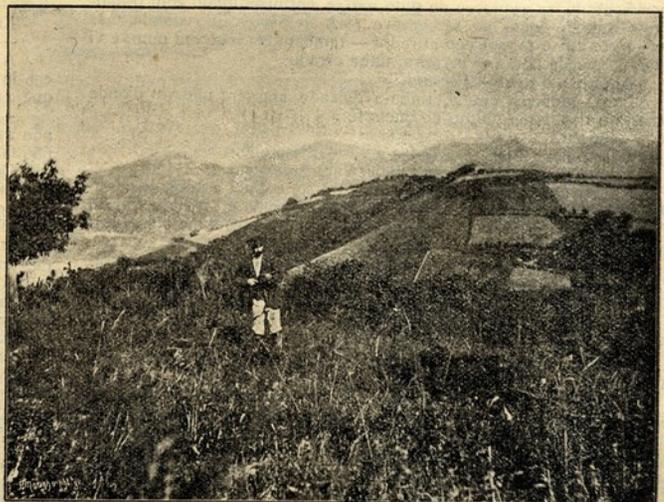
Depois os vencedores dispersavam. Alguns, raros, paravam nos limites da povoação, levando as mãos aos barretes; outros iam-se logo, retouçando aos pulos, pela areia. Mas alguns ainda nos acompanhavam. Não era o amor, nem a gratidão...

Não tinham apanhado nada, e vinham lastimando-se, até que alguma alma, impaciente ou apiedada, repartia com elles os ultimos miudos. Um vintem para cinco, dez réis para tres... Contas difficeis de fazer, mas que elles lá resolviam com a sua arithmetica de pequeninos.

Eram os *premios de consolação*.

\*

Com titulos bastantes para ser procurado pelos mestres da venatoria, não os tinha eguaes este sitio



Caçando

nhava-o o Eusebio, e o Joaquim Tavares, da Junqueira, como elle creado da Casa Real, boa espingarda, e sizado companheiro. Um excellentre rapaz.

Jam senhoras tambem commosco, mas, se eu escrevesse em estylo classico, não poderia dizer que nós formavamos o cortejo de Diana, a caçadora. Nem a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Piedade, a irmã do illustre poeta, nem as outras senhoras, suas amigas, tinham a minima pretensão a *sport-women*.

A maré era boa, e aprouámos ao Torrao, evitando o fadigoso transito pelo areal.

\* \*

Bem auspiciado o dia. Encontrámos logo as codornizes á beira mar, no principio do matto. Cruzavam-se os rastros, como de costume, mas os cães, praticos do terreno e conhecedores da caça, logo destrincaram e meada. D'ahi a pouco estavam todos *parados* á mostra do que ia na frente.

Formoso e singular espectáculo! Impressiona a todos este repentino estacar dos perdigueiros. A passo, a trote, a galope, que vão, ao sentirem a caça proxima, ficam de improvisos immoveis, na posição em que ella os surpreendeu! Apenas um quasi imperceptivel tremor denuncia n'elles a vida.

Os nossos — eram sete ou oito — pareciam fundidos! Todos firmes em diversas attitudes, conforme o seu estylo de caçar. *Norma*, na frente, de cabeça alta e dominadora, apontava a caça; ao lado d'ella o *Thiers*, marcando de mais longe, inclinava-se para o lado d'onde lhe vinham os effluvios; o *Tibau*, um cão preto como azeviche, arrastara-se como um reptil até ao centro do grupo, estacando subito; os outros, mais affastados, vinham correndo e *parando* por *sympathia*, por influencia, e iam assim compondo e completando o maravilhoso quadro! Inteiriçados, alguns com o pello arrepiado, não moviam um musculo!

Como eu registro aqui impressões antigas, direi que na minha vida de caçador nunca mais tornei a vêr coisa assim. Um grupo como este jámais artista algum o compoz.

Diversos os animaes na pelagem, no desenho, na estatura, alguns d'elles — o *Thiers*, a *Norma*, a *Joia* — eram verdadeiras estampas: a mesma variedade tinham nas attitudes elegantes, e todavia naturaes.

As senhoras, surprehendidas e encantadas pela belleza da scena, approximaram-se, e todos nós formámos um arco, tendo no centro os cães *parados*.

Na ponta esquerda estava Bulhão Pato. A' sua voz *Norma* deu a pancada.

Em vão — A codorniz tinha-se furtado.

Então os perdigueiros partiram de novo em todas as direcções, em busca da caça, que lhes fugira. Não tardaram em achal-a, e eil-os outra vez estacados. *Norma* mantinha a dianteira — a codorniz tinha-a ella apontada. E como já não havia defeza, porque estava no limite do matto, ella poz-se nas azas.

O vôo, estridulo no arrancar, denunciava um macho. Naquelle estação, e n'aquelles logares as codornizes encontram abundante e succulento pasto nas myriades de pequeninos caracoos, que cobrem litteralmente as jainas. Allí se preparam para a grande travessia da sua emigração para a Africa.

Aquella, como não havia vento, voava baixo, mas distanciava-se rapidamente. Ouviu-se um tiro. A codorniz caiu.

A pontaria certaera foi de Bulhão Pato — pensará o leitor, que vae seguindo e ás vezes anticipando os factos... Não foi, mas devia ser. Era o mais velho, o mais graduado — era o cabeça, o chefe.

Mas entre nós havia um que, por ser o mais novo, o menos experimentado, se esqueceu de tudo isso, e, enthusiasnado com os lances d'aquelle jogo, não se conteve... A codorniz caiu redonda, mas eu — que fui o tal soffrego atirador — tambem caí logo em mim, e vi que, apesar da pontaria certaera, tinha errado.

Aqui fica o meu — *Peccavi*.

Pato, confiado em si, tinha-a deixado alargar; não viu d'onde partira o tiro, e perguntou de quem fóra.

— Fui eu.

— Está bem. Bom tiro. Deixa-a vêr — disse elle.

— Está gorda. Mas aqui ha mais. Vamos devagar.

Effectivamente as paradas repetiram-se, e d'ahi a pouco dez codornizes tinham allí encontrado *sua fim*. Escusado é dizer que foram quasi todas mortas por elle, que era, de todos nós, a melhor espingarda.

Coitadas, como o seu destino era atravessar um estreito, passaram por um — mas não foi o de Gibraltar.

\* \*

O sol ia apertando. As senhoras deixaram-nos, e tomaram, com as creadas, o caminho da Costa.

A' nossa esquerda tinhamos, em frente, a vinha do Miranda, bom abrigo para a caça, e, á direita, descobria-se a praia, frente ao mar, mas no limite d'ella, á beira do matto, appareciam-nos, aqui e allí, alguns lagos, que as chuvas do outono tinham formado. A agua era tão limpida, que se lhe via o fundo; apenas algumas moitas de juncoos lhes sombreavam a superficie, que reflectia as raras nuvensinhas brancas, que pairavam quietas no ar.

Aquelles lagos eram tentadores. Se elles tivessem narcejas...

— Eu vou-me aos lagos — disse eu ao meu amigo. Está-me sorrindo a idéa de lá encontrar certas senhoras...

— Pois vae. Eu não vou, não me quero molhar. Tu não te importas com isso. Talvez lá estejam algumas. Eu cá vou andando para a tapadinha.

Eu fui, e ellas lá estavam. Não eram aos centos, ainda assim encontrei as bastantes para errar uma duzia de tiros. Mas não errei todas.

Não sei o que as narcejas teem commigo; o que é certo é que eu, que em theoria, a frio, prefiro as perdizes e as galinholas, quando defronto com ellas, nos terrenos alagadiços, que são os seus predilectos, perco a cabeça, e não ha lamas, nem aguas, nem lodos, que me impeçam de as fuzilar! Será a difficuldade do tiro? Talvez. E é provavel que seja, porque é a caça que mais se erra.

Entrar n'aquelles lagos era o mesmo que entrar em um tanque. A agua estava tão fria, e em alguns era tão alta, que tive de sair d'um rapidamente; sentia já um começo de tontura. O que não me impediu de me metter logo n'outro, e de andar assim mais d'uma hora, a entrar e a sair da agua, debaixo d'um sol ardente, e n'um sitio tão sezónico. Mas parece que eu andava então á guarda de Deus! Nem sezões, nem nada!

As narcejas tinham já desaparecido deante de mim na região dos lagos, e a fuzilaria continuava a ouvir-se para as bandas da tapadinha. Encaminhei-me para lá.

\* \*

Boa caçada. Pato estava radiante — as codornizes saltavam-lhe aos pares! E elle já se firmava com ellas, por causa da brisa que se levantara, e tambem por causa dos cartuchos. Contava-as a ellas, e já os contava tambem a elles, que iam rareando no cinto.

— Então a tapadinha rende — disse-lhe eu.

— E' como vês. Tudo isto está cheio d'ellas. Mas tu tambem achaste narcejas.

— Achei. Trago aqui cinco, mas ficaram-me lá muitas. Estão um pouco asperas.

— Olha os cães, Zacharias.

Palavras não eram ditas e tres codornizes a saltar. Estavam vivas, não esperavam. Bastava que os cães as apontassem.

Tres tiros. Pato dobrou a duas, e eu matei a terceira.

— Dá cá, *Thiers*. Olha, estão magnificas. E, dizendo isto, passavam para a mão um esplendido macho, negro e de peito redondo. Estão todas assim — acrescentou elle. Estão na sazão da partida.

João Lourenço approximara-se com os seus companheiros. Estendem-nos em ordem, e a fuzilaria continuou nutrida. Parecia o tiro-teio d'uma linha de atiradores.

Cruzavam-se, por vezes, os tiros, porque a caça, espalhada pelo Juncal, ia-se levantando deante de nós em toda a extensão da linha. Os nossos improvisados *moços do monte* — rapazes do sitio, que sempre se nos agregavam — ficavam-se atraz, nas raras sombras dos médios, e Pato já ia repartindo comigo os despojos, que lhe começavam a pesar na sacca. A brisa da manhã cessara, mas as nuvensinhas brancas quebravam, de quando em quando, o ardor do sol, que nos principiava a morder. Só as melgas nos perseguiram, obrigando-nos a fazer dos lenços guarda-nucas.

A' altura de meio Juncal fizemos frente á rectaguarda, em direcção aos lagos. Era a vez das narcejas para todos.

— Aqui ha rastro d'uma lebre, sr. Pato — disse o João Lourenço, que ia atravessando um claro da areia. E lá vae ella! — gritou elle. Vae ao longo do médão! Ah! a sua direita!

Com effeito, ella ia-se furtando por entre as jainas, aos saltos. Estava perto de nós.

— Deixa-a endireitar a carreira — disse-me Pato.

Era a primeira que eu allí via.

— Agora — disse elle. E atirou-lhe.

A lebre, ao tiro, deu um salto, e atravessou, cortando pelo Juncal. Ia ferida, e os cães, que a tinham visto, seguiram-a, e não tardou que a agarrassem. Estava crivada.

— Agora vae um cigarro, e vamos ás narcejas, enquanto o sol não aperta mais. Eu não entro na agua, apesar do nome, mas voces não fazem ceremonias, e sacodem-m'as para cá.

Quando chegámos já lá estavam outra vez as regachas, como lhes chamam na provincia, e principiaram a espirrar d'entre os juncositos, que bordavam os lagos.

O tiro-teio redobrou então de intensidade, porque ellas — ha pouco batidas por mim — andavam levantadas, e saltavam umas atraz das outras, de roda de nós, cruzando o ar em todas as direcções.

A esta especie são dois os momentos em que se lhe pode atirar — quando levantam, e então é um tiro de chofre, ou quando, depois de fazerem os seus zig-zags, ellas endireitam o vôo. O mais seguro é chofral-as — o que, em todo o caso é um tiro d'acaso — porque não ha tempo para apontar. Depois é quasi sempre tarde; quando ellas endireitam o vôo, vão já fóra do alcance. Quem não é pratico, aquece, enthusiasma-se, dá muitos tiros, e não mata nenhuma. Foi o que me succedeu nas primeiras vezes. O commum dos caçadores não gosta d'ellas por isso, mas os outros capricham em emendar a mão, e voltam. E ha tal que as prefere a tudo.

O illustre poeta já então era optimo atirador. Eu admirava-o, quando o via dobrar os tiros, e tambem ingenuamente me admirava, quando via cair alguma d'aquellas bicudas, que eu mal entrevia, ao desfechar.

Para arredondar a conta das narcejas appareceram dois marre-  
quinhos. Foi feliz a nossa visita á região dos lagos.

\* \* \*

Curtas as tardes do inverno. O sol descia rapidamente sobre o  
horizonte, e as rossas sombras principiavam a alongar-se. Era tempo  
de nos approximarmos da Costa.

Vamos subindo pelo Juncal, quando a minha cadella, a *Joia*, que  
acabava de me apontar, com grande frieza, uma codorniz, deu uma  
fiada rapida, e logo outra, formando um angulo recto com a primeira,  
e ficou-se como uma rocha. Uma narceja, perdida alli, e que apenas  
saltou, caiu.

Finissima perdigueira — caçada pelo Manuel Candido, da Char-  
neca, ás narcejas, ás lebres, ás gallinholas e ás perdizes — a primeira  
vez que a levei ao Juncal, vendo os outros cães accesos no rastro das  
codornizes, não fazia caso nenhum d'ellas, e parava a olhar para mim,  
como admirada, exprobrando-me talvez o eu tel-a arrancado aos seus  
frondosos pinhões da Amora e de Corroios, para levantar passarinhos  
n'aquelle areal! Depois habituou-se, e não deixava escapar uma.

Até chegarmos ao fim do Juncal, ás Cabaças, a caça não cessou  
de saltar.

Ahi tivemos uma scena — armada de improviso, e que se apre-  
sentou desde logo com torvo aspecto.

Ao longo do caminho sobranceiro, que atravessa, no alto do  
Juncal, para as cabanas dos pescadores, havia uma nesga de chão,  
que o trabalho pertinaz do homem tentara transformar em horta. Em  
cima, á beira do tal caminho, um poço explicava, e, até certo ponto,  
justificava aquella pretensão. Couves de talo rijo, esgrouviadas e  
meio seccas, era apenas o que alli se via. A' esquerda, em terreno  
mais alto, duas choças de colmo dominavam esta horticultura, pobre,  
triste, e agreste, como toda a região d'aquelle costa. O couval não ti-  
nha sebes, que o defendessem, e por alli costumavamos nós passar, á  
ida e á volta. A plantação era rara, e podiamos transitar sem pre-  
juizo.

A invasão das codornizes chegara, n'aquelle dia, até lá, e quando  
Bulhão Pato, indo na nossa frente, a alguma distancia, entrou na  
horta, os cães deram logo signaes d'algumas. Seguiu-os elle, attento,  
quando á porta d'uma das choças assomou um homem, que lhe fallou  
grosseiramente, começando por um:

— Ponha-se lá fóra! que sou muito mal aos ouvidos do poeta.

O dialogo travou-se assim rudemente, mas nós, eu e o Joaquim,  
que estavam um pouco longe, não percebemos nem estas palavras,  
nem as que se lhe seguiram, e só conhecemos a gravidade da situa-  
ção, quando vimos Bulhão Pato, com gestos de ameaça, pôr a espin-  
garda no chão e avançar para o rustico. Apressámo-nos então o passo,  
tanto mais que o homem recuando, entrara bruscamente em casa.

As primeiras palavras do dialogo não as ouvi, mas ouvi as últi-  
mas — as do poeta. Não eram academicas, não, não as posso aqui re-  
petir; mas, n'um *crecendo* formidavel de violencia e de injuria, foram  
subindo até terminarem no mais agudo dos insultos — agudo no senti-  
do e na palavra — repetida tres vezes, a fechar a tremenda apostro-

phe! A mais eloquente, decerto, que jámais tropejara n'aquelles  
campos.

O homem podia voltar, mas não voltou. Temeu-se elle do caça-  
dor cuja voz mascula tinha as impetuosas e dominadoras vibrações  
da colera, e que avançava para elle com os punhos cerrados — ou  
estaria lá alguém, que o seguiu?

Quando nós, seguindo o mesmo trilho de Bulhão Pato, atravessá-  
mos a horta e depois, subindo a rampa, passámos em frente da pa-  
lhota, olhámos para lá. No escuro da porta não havia ninguém.

\* \* \*

Voltara o silencio áquelles logares. A nuvem negra, que de re-  
pente surgiu, a turvar-nos a limpida serenidade d'aquelle formoso  
dia, desapparecera, varrida pela voz do poeta.

D'alli a pouco estavam todos reunidos na sala de jantar da sr.<sup>a</sup>  
Maria do Adrião. Ao lado, na sala, de paredes estucadas, e tectos com  
relevos, — uma surpresa para nós aquella restauração — a menina  
Casimira extrahia das gavetas das suas bellas commodas de poli-  
mento, e mostrava ingenuamente ás senhoras, as riquezas e os pri-  
mores da sua guarda-roupa — chales, vestidos de cores garridas, saias,  
com rendas finas, camisas bordadas, lenços de seda de ramagens que  
tão bem ficam, e tanto realce dão áquelles rostos campesinos, já il-  
luminados de tons quentes pelo ar do campo e pelo sol.

Uma figura gothica — esta menina Casimira. Alta e delgada de  
corpo, nem pallida, nem corada, a voz d'um timbre algo dorido, ávara  
de palavras, os olhos sempre postos no chão, e um não sei que de  
triste e enigmatico, davam-me a impressão de quem não anda satis-  
feito cá na terra.

Estas figuras, quando teem uma plastica individual, e caracterís-  
tica, por apagada que seja n'ellas a expressão da vida, são, como as  
estatuas, suggestivas. Imprimem-se indeleveis na memoria, e entram  
na galeria do nosso mundo interior. E' com estas imagens, cujos con-  
tornos o tempo vae esbatendo, que os artistas e os poetas compõem  
os seus quadros, os seus romances, e os seus poemas.

Aquella donzella, serena e silenciosa, recortava-se, aos meus  
olhos, destacando do discordante scenario, e parecia-me ao vél-a, ter  
descido d'algum velho quadro flamengo, de Van Eyck ou de Mem-  
ling, interior de cathedral gothica, ou comitiva castellã, em caçada  
fidalga, com pagens, lebreus e falcões.

As Ave-Marias vinhamos nós nos barcos, já de volta, aconche-  
gados nas mantas, fumando e conversando. Nos paneiros os cães en-  
roscados dormiam. Ouviam-se, rio acima, as sinetas de bordo, e, para  
o norte, o tiro de peça da torre de Belem, annunciava, com o seu  
ruidoso pregão, o pôr do sol. Um sol poente de outono, illuminando  
e doirando os aéreos castellos das nuvens, tão cambiantes, diaphanos,  
e fugitivos, como os da minha phantasia n'aquelles tempos da mocida-  
dade.

ZACHARIAS D'ACA

## TIRO NACIONAL

### O 1.º CAMPEONATO DO "TIRO E SPORT"

## TAÇA D. CARLOS I

No programma com que iniciámos a nova phase da nos-  
sa vida de imprensa, incluiu-se a propaganda dos exerci-  
cios physicos, por meio da criação de premios que servis-  
sem de estímulo aos cultores dos diversos ramos de *sport*  
e animassem a adhesão de novos adeptos. Deligenciando  
cumprir esse programma em harmonia com os modestos  
recursos de que dispomos, resolvemos inicia-la, consagrando  
ao *Tiro Nacional* as primeiras attentões.

A preferencia justifica-se:

Sendo esta revista, órgão official da *União dos Atira-  
dores Civis Portuguezes*, a primeira collectividade que lhe  
conferiu essa honra; com tradições bem vinculadas ao  
*Tiro Civil* um dos seus respeitaveis antecessores; sendo a  
pratica do tiro de guerra, mais do que um sport um dos  
exercicios physicos mais uteis ao cidadão, e d'um enorme  
alcance patriótico, suppomos que a escolha merecerá o ap-  
plauso de todos.

Ao reunirem-se n'um mesmo ideal, as antigas revistas  
*Tiro Civil* e *Revista de Sport* quizeram, naturalmente, me-

lhor poder servir a causa que defendiam. O *Tiro e Sport*  
que lhes succedeu e lhes manterá as tradições, conta com  
a sincera coadjuvação de todos os que se teem dedicado á  
causa da educação physica, e muito especialmente com a ad-  
hesão dos collegas que na imprensa diaria lutam tambem  
em prol do mesmo ideal. A este *Campeonato* seguir-se-hão  
os de outros *sports*, e assim pensamos ter consciencia-  
samente principiado a cumprir o nosso programma.

A todos os *sportsmen* e aos nossos collegas da imprensa,  
para quem appellamos, a todos, os nossos anticipados agra-  
decimentos pelo auxilio que nos prestarem.

\* \* \*

Quiz S. M. El-Rei dignar-se approvar a modesta inicia-  
tiva d'esta revista permitindo que a taça de honra do  
*Campeonato do «Tiro e Sport»* fosse dado o seu augusto  
nome. S. M. além de ser o primeiro atirador portuguez,

é um dos mais terroresos apóstolos dos exercícios físicos, que cultiva com distincção. A alta honra com que nos distinguio, prova exuberantemente esta affirmativa. O procedimento de S. M. é significativo, e por elle nos consideramos eternamente gratos.

A patriótica e benemerita sociedade *União dos Atiradores Civis Portuguezes* comettemos o encargo, que ella bisarramente accetou, da elaboração do programma do Campeonato, o qual é nosso desejo se realice no mez de Outubro.

A um distincto artista portuguez, o sr. Carvalho, da firma Teixeira & C.<sup>a</sup> em Com.<sup>ta</sup>, devemos tambem a gentileza de se encarregar da execução da *Taça D. Carlos I*, que em nada deslustrará o nome por elle adquirido com a *Taça Lisboa*.

#### Parte official

### *União dos Atiradores Civis Portuguezes*

COMISSÃO EXECUTIVA

Sessão em 29 de Agosto de 1904

A's 9 horas da noute, foi aberta a sessão pelo sr. presidente, Anselmo de Sousa, estando presentes os srs. Fraga Pery de Linde, Pedro Ferreira e o secretario abaixo assignado.

Foi lida e approvada a acta da ultima sessão.

Foi approvado socio com o n.º 396 o sr. Guilherme Capello.

Não havendo mais assumptos a tratar foi encerrada a sessão ás 9 1/2 horas noite.

O secretario  
EDUARDO DE NORONHA

CONSELHO GERENTE

Sessão em 30 de Agosto de 1904

A's 2 horas da tarde, sob a presidencia do sr. Anselmo de Sousa, estando presentes os srs. dr. Lucio Nunes, Pinheiro de Mello, Moraes Carvella, Pedro Ferreira, Fraga

Pery de Linde e o secretario abaixo assignado, foi aberta a sessão, lendo-se e approvando-se a acta da sessão anterior.

Foi lida a seguinte correspondencia: Officio da direcção geral dos servicos de infantaria, convidando o sr. presidente a assistir ou a fazer representar a União, nas provas finaes da Escola Pratica d'Infantaria; officio da mesma procedencia, participando a abertura das carreiras de Mirandella, Penafiel, Setubal e Thomar; officio da redacção do *Tiro e Sport* pedindo para a União dirigir e elaborar o programma do Campeonato de tiro, que este jornal promove, para a disputa da *Taça D. Carlos I*.

O sr. presidente participou, que não tendo podido representar-se a União, nas provas da Escola de Mafra, enviara telegramma de felicitação e um premio para o concurso de tiro, recebendo do director da Escola um telegramma de agradecimento muito affectuoso.

O conselho resolveu accetir o encargo da organização do Campeonato do *Tiro e Sport*, passando immediatamente a elaborar as bases do programma, o qual foi discutido e approvado para ser submettido á direcção d'infantaria. Não havendo mais assumptos a tratar, foi encerrada a sessão ás 3 1/2 horas da tarde.

O secretario

EDUARDO DE NORONHA

## BERLITZ SCHOOL

LINGUAS VIVAS

Rua do Alecrim, 20 — LISBOA Largo dos Loyos, 11 e 14 — PORTO

## CONSULTORIO DENTARIO

Saturio Augusto Paiva — Cirurgião-dentista  
pela Escola de Paris — Doenças de bocca e dentes  
Rua de Santa Justa, 6, 2.º

# AUTOMOVEIS

Construidos pela Société Nouvelle des Etablissements DECAUVILLE AINÉ

Capital 3.525.000 francos ou 775.500.000 réis. — Séde social, 13, Boulevard Malesherbes — PARIS  
Officinas em Petit Bourg, perto de Corbeil (Seine et Oise)

Esta Sociedade, conhecida universalmente por ser a mais importante fabrica em todo o mundo, de material fixo e circulante de caminhos de ferro de via reduzida, e que ultimamente tem desenvolvido de uma maneira nova a construcção de automoveis, introduziu todos os aperfeiçoamentos modernos no seu tipo de automoveis d'este anno. Para os destinados ao nosso paiz, augmentou-lhes especialmente as condições de resistencia de modo a adaptal-os ás nossas pessimas estradas. Para esse fim, mandou, no anno passado (1903) um contra-mestre da sua fabrica percorrer n'um dos seus automoveis, as estradas do nosso paiz, e segundo as indicações d'esse technico, estabeleceu o tipo de carro — 1904 — cujos resultados completamente satisfatorios, tem sido comprovados pelos modelos d'este tipo, que já chegaram ha mezes, e que tem resistido a um trabalho seguido e aturado, nas nossas peores estradas, percorrendo alguns d'elles mais de 2.000 kilometros, sem ter tido até hoje a mais pequena avaria ou panne, nem necessitado a mais leve reparação, factos estes que podem ser attestados pelos respectivos proprietarios, e que por si só bastam para justificar a fama e preferencia que os automoveis **Decauville** rapidamente conquistaram.

Caracteristicas principais do motor e chassis:

## DECAUVILLE 1904

**Chassis** — blindado com chapa de aço de modo a augmentar a resistencia e protegêr por completo contra a poeira e lama, todo o systema motor. E' estreitado á frente de modo a facilitar as voltas em curva de pequeno raio. — **Motor** — Tem 4 cylindros verticaes, com valvulas commandadas, todas eguaes. Pode ser da força de 16 cavallos ou de 20 cavallos. — **Regulador** — Actuando na a missão do gaz. — **Carburador** — Automatico, ultimo modelo aperfeiçoado. — **Inflamação** — E' obtida por accumuladores electricos, bobines e vellas e por um distribuidor de corrente especial, que está sempre regulado. Pode tambem applicar-se a inflamação por meio do magneto ficando assim com duas inflamações independentes. — **Lubrificacão** — E' toda automatica. — **Radiador** — Systema nid d'abeilles, com ventilador, assegurando um resfriamento perfeito. — **Accelerador retardador** — E' actuado por um pedal permitindo fazer com que o motor trabalhe com velocidade variando entre 100 e 1.500 voltas por minuto. — **Velocidades** — Em numero de tres, sendo a terceira **directa**, actuadas pela mesma alavanca assim como a marcha atraz. — **Transmissão** — Do movimento ás rodas por meio do systema **Cardan** aperfeiçoado e privilegiado, evita os inconvenientes das **correntes** e dos **cardans** que até aqui se empregavam. O **systema ideal de transmissão** das forças á roda. — **Trepidação** — Absolutamente nenhuma trabalhando, assim como são completamente **silenciosos**. — **Rodas** — Eguaes de 810 × 90. — **Carrosserie** — Pode-se adaptar por qualquer forma de carrosserie.

A Société des Etablissements Decauville ainé tem

### Agencia exclusiva em Portugal

Fornecem-se esclarecimentos, catalogos, e accetam-se encomendas na

Agence Generale d'Automobiles de **BEAUVALET & C.<sup>ta</sup>**, engenheiros

**Avenida da Liberdade (Palacio Foz)**

Onde ha sempre em exposição automoveis **DECAUVILLE**

Ensino e experiencias gratis aos compradores. — Accetam-se agentes nas provincias.

# EMPRESA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

LISBOA — 1 a 5, Avenida da Liberdade, 1 a 5  
 COIMBRA — Avenida Navarro — PORTO — Agencia, Rua de S. Lazaro, 199

Depois dos nossos **sucessos incontestaveis** em todos os concursos e corridas, apresentamos hoje a lista dos automoveis fornecidos por nós a partir de 1 de janeiro, a saber: 2 **Darracq** monocylindros, 4 **Darracq** dois cylindros, 1 monocylindro **De Dion**, 7 **Darracq** 4 cylindros. Sempre novos modelos a chegar. Motocyclettes d'ocasião desde 100\$000 réis. Bicycletes francezas desde 49\$000 réis. Garantia de 6 mezes a todas as vendas. Officina de reparações unica no genero, dirigida pelo contra-mestre **PIERRE BELLET** — Motocyclettes **TAVARES-WERNER** e typo **GRIFFON** — Accessorios e artigos de sport.

## EMPRESA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

Director tecnico: Dr. Tavares

AVENIDA DA LIBERDADE, 1 A 5

### PERDIGÃO & SILVA

#### ENCADERNADORES

Encarregam-se de todos os trabalhos da sua arte assim como: caixas, pastas, envernizam mappas e douram em toda a qualidade de pelle, seda, velludo, etc., etc.

PAUTADOS E RISCADOS EM LIVROS DO COMMERCIO

8. Rua da Saude, 8 — LISBOA

#### OMNIBUS E GALERAS DE CARGA

Comunicações rapidas e economicas na provincia  
 Diligencias a vapor

#### AUTOMOVEIS

Meio de desenvolvimento agricola. Pedir todas as informações a

**L. M. LILLY**, engenheiro

RUA DOS RETROZEIROS, 35, 1.º, D.  
 LISBOA

Papeis de credito, cambios,  
 loterias e tabacos

#### VIERLING & C.ª, Limitada

NUMERO TELEPHONICO 611

44, Rua do Arsenal, 46 — 1, esquina do Largo do Pelourinho, 3 — LISBOA

#### Officinas Photographicas

Sob a direcção **Arnaldo Fonseca**  
 technica de

Retratos a toda a hora e com todo o tempo

Novidade retratos de noite das 7 as 10 horas

(excepto aos domingos e dias santificados)

Estes retratos são d'um inexcédível modélade

TRABALHOS PHOTOGRAPHICOS

EM TODOS OS GENEROS

AMPLIAÇÕES

38, PRACA DOS RESTAURADORES, 38



# EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Serviço da Costa Occidental e Oriental d'África

FEITO PELOS PAQUETES:

Ambaca, Cazengo, S. Thomé, Cabo Verde, Angola, Benguella, Zaire,  
Melange, Portugal,  
África, Loanda, Bissau, Bolama, Zambesia, Príncipe, Mindello

## ITINERARIO

Lisboa	1	(Partida)	22
Madeira	7		9
S. Vicente	13		13
S. Thiago	14/15		28/29
Príncipe	23/24		7
S. Thomé	25/27		8/10
Landana	29		12
Cabinda	30		13
Santo Antonio do Zaire	—		14
Ambrizette	—		15
Ambriz	1		16/17
Loanda	2/3		18
Novo Redondo	4		20
Ben uela	6		21/2
Mos amedes	7/8		23
Bahia dos Tigres	—		23
Porto Alexandre	—		—
Lourenço Marques	28/2		—
Bei a	4/5		—
Moçambique	7	(Chegada)	—
Moçambique	9	(Partida)	—
Beira	11/12		24
Lourenço Marques	14/16		25/26
Mossamedes	—		27
Benguella	—		28/2
Novo Redondo	26/27		30
Loanda	—		1
Ambriz	—		2
Ambrizette	—		3
Santo Antonio do Zaire	—		—
Cabinda	16		5/7
Landana	17		8
S. Thomé	19/21		17
Príncipe	22		18
S. Thiago	30		22
S. Vicente	—		24
Madeira	—		—
Lisboa	43	(Chegada)	—

Lisboa, Abril de 1904.

ESCRITORIO — SÉDE DA EMPRESA — Rua d'El-Rei, 85 — LISBOA



*Serradaryres*  
OS VINHOS  
MAIS PARECIDOS  
COM OS DE  
BORDEAUX  
BOURGOGNE  
e SAUTERNE.  
MEDALHA DE OURO  
PARIS 1900

LISBOA - Rua do Alecrim, 47

Salão Mozart

Pianos Bluthner

RUA IVENS N.º 52 A 54

Está resolvido o grande problema!  
Os melhores pianos do mundo são os

**BLUTHNER**

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS  
**MONTZ & FONSECA**

Rua Jvens, 52 a 54

SALÃO MOZART

### Atelier de Pintura

E DEPOSITO DE VIDROS POLIDOS

DE  
Augusto Henrique Santos  
(SANTOS IRMÃO)

Decorações artisticas e industriaes em vidro. Gravura decorativa a acido em vidro. Pintura e reparações de armações de estabelecimentos, frontarias, etc. Pintura ou relevos de armas, braços, monogrammas, emblemas, ornatos, meda-lhas, etc. Manufactura, pintura e collocação de taboletas e let-ras em relevo.

14 Rua Capello, 16 (defronte do Governo Civil) — LISBOA

Annuncios illustrados e a côres,  
preços convidativos e convencionaes

TIRO E SPORT